

PRINCÍPIO E HORIZONTE DA NOSSA MISSÃO APOSTÓLICA NA AMÉRICA LATINA

I. Um novo modo de “sentir e saborear”, de compreender e atuar hoje.

1. Encontramo-nos imersos numa mudança de época que afeta a todas as pessoas e à pessoa toda. Vivemos uma crise de mundo e de civilização que se traduz numa crise radical de sentido. Ao mesmo tempo, e dentro desta mesma fragilidade, algo de novo se traduz numa crise radical de sentido. Ao mesmo tempo, e de dentro desta mesma fragilidade, algo de novo se anuncia: o sentir obstinado e provocador de que “Outro mundo é possível”, pluri-étnico, pluri-cultural e pluri-religioso, apoiado no respeito solidário, na justiça e na paz.

2. Os desafios que enfrentamos hoje na América Latina e no mundo têm uma característica peculiar. Eles não só afetam a todos os povos de maneira similar, mas também necessitam, para serem enfrentados, de uma compreensão global e uma ação conjunta.

3. A nova cultura valoriza a liberdade individual, abre espaços para a iniciativa privada e nos oferece, como nunca, oportunidades científicas e tecnológicas para melhorar as condições de vida da humanidade. Vai-se configurando uma realidade global que torna possível novos modos de conhecer e aprender, que nos coloca em contato diário com a diversidade de nosso mundo e ao mesmo tempo dá possibilidades para uma união e solidariedade mais estreitas em nível mundial.

4. Contudo, essa mesma cultura gera novas formas de empobrecimento, exclusão e injustiça que afetam todos os níveis da vida humana: sócio-políticos, culturais, religiosos. Na carta sobre o “Neoliberalismo na América Latina” os Provinciais destacam, ao lado de um inegável avanço, as dolorosas conseqüências de um mundo no qual a economia e o mercado, com seus mecanismos discriminatórios, exercem um domínio absoluto, provocam um consumismo compulsivo e desenfreado e contribuem para manter e reforçar antigos problemas, herdados de nosso passado colonial e de autoritarismos mais recentes.

5. Numa região tão rica, de múltiplas e variadas culturas, impregnadas de um profundo sentido religioso e de solidariedade comunitária, e acostumadas a viver em estreita comunhão com a natureza e o meio ambiente, acentua-se a fragmentação e o empobrecimento cultural, crescem o secularismo e o individualismo hedonista, e aumenta a destruição ecológica.

6. Uma violência crescente vai permeando todas as relações sociais. A corrupção administrativa e o enfraquecimento da participação cidadã eficaz e da institucionalidade política vão ruindo nossas democracias.

7. O chamado “continente da esperança” tende a transformar-se em um lugar de desencanto e de fuga. Viver de uma maneira evangélica e contractual nos obriga a reafirmar nossa identidade não somente escolhendo entre as opções que nos apresentam, mas também criando outras novas possibilidades.

8. Os sinais de esperança, a convicção de que um mundo melhor é possível, surgem sobretudo daqueles mesmos que são vítimas desses processos. Neste sentido, destacamos as contribuições dos povos indígenas e afro-americanos, de tantos jovens sensíveis aos novos problemas culturais e ecológicos, de mulheres que por sua proximidade ao mistério da vida são capazes de refrear a cultura da morte (que tem sua origem no empobrecimento e na violência), de refugiados, emigrantes que em seus novos lugares buscam afirmar sua dignidade.

9. Todos estes desafios exigem da Companhia de Jesus na América Latina, um novo modo de assumir a universalidade da missão e de repensar as estruturas provinciais que lhes têm servido de apoio. Impõe-se romper os estreitos limites particularistas em que estamos fechados e caminhar em busca de novas maneiras de nos relacionarmos e nos entendermos, de trabalhar e de nos situarmos, de sentir e viver a realidade.

10. Trata-se agora de uma verdadeira conversão de atitudes e de horizonte que deve traduzir-se em novos modos de governo e gestão provincial e inter-provincial, que deve tocar também todas as nossas instituições e obras, e - é claro - a cada um de nós, jesuítas, e a todos aqueles com quem compartilhamos a missão.

11. Hoje em dia, esta aproximação latino-americana e universal aos desafios de nossos países e de nosso mundo faz-se possível por meios de comunicação e técnicas com os quais não se contavam em épocas anteriores. Por outra parte, a complexidade e a amplitude dos problemas que se apresentam, e nossas próprias limitações em nível provincial, requerem também que multipliquemos a força de nosso impacto através de uma união mais profunda que já se vai criando entre nós.

12. Nos Exercícios Espirituais aprendemos que o Senhor nos chama ao “magis”: alimenta e assume nossas expectativas, desejos e sonhos mais profundos para incorporá-los à novidade de Deus na história e para abrir-nos sempre à surpresa de suas propostas. Sentimos que essa novidade nos impulsiona a viver com radicalidade e em plenitude a dimensão universal de nossa vocação.

II. Enraizados em nosso “modo de ser e proceder”

13. Na contemplação da encarnação, unimo-nos ao Deus Trino, olhando toda a face da terra, para que as diferenças, que se destroem, se integrem e se complementem numa nova comunhão solidária. A contemplação inicial nos transforma para encontrar Deus no núcleo último de todo real. Deus está em cada um e no conjunto do corpo, no local e no global, na busca de enraizarmo-nos nas culturas e no partir para outras novas, aproximação ao sofredor e na luta contra o que provoca o sofrimento.

14. Sentimo-nos convidados a ser “loucos por Cristo”, vivendo com paixão e liberdade em uma cultura de vícios e dependências, para permanecer vigilantes e estar alerta para fazer possível a inculturação autêntica, a irrupção de Deus no meio de nós. Somente Ele pode alterar os “hábitos do coração” (cfr. C.G.34^a,d.4,n.18) para identificarmo-nos plenamente com seu filho.

15. Os primeiros companheiros viveram este estilo espontaneamente. Manifestaram-nos assim o “modo de proceder” que é próprio da Companhia em todos os tempos. Xavier foi para Índia, mas levava no coração os nomes dos companheiros. Canísio foi enviado

para Alemanha quando já havia interiorizado o estilo e pôde “replicá-lo” na conjuntura difícil da reforma. Para Nadal, a casa dos professores era a “cavalgada”, e nas Constituições Inácio nos diz que nossa vocação é parra discorrer por todo o mundo. Os companheiros procedem de nações distintas e se dispersam por todas as partes.

16. Estes primeiros jesuítas não são uniformes, mas estão fortemente unidos pelo único Espírito ao serviço da missão, na Igreja. Logo chegaram a nossas terras da América Latina. Em 1549, ainda em tempos de Santo Inácio, Nóbrega e outros cinco jesuítas chegam a Salvador, na Bahia. Pouco depois fundam São Paulo e estão presentes na fundação do Rio de Janeiro. No século seguinte, em Cartagena, Pedro Claver torna-se o “escravo dos escravos negros”, e começam no altiplano peruano-boliviano as primeiras experiências que culminaram nas reduções do Paraguai.

17. Também nós hoje renovamos nossa consagração ao serviço da missão da Igreja universal, orientados pela rica história da Igreja latino-americana e seu fecundo magistério, desde Medellín até os nossos dias. Seguimos assim os passos de Miguel Pro, Alberto Hurtado, Luis Espinal, João Bosco Burnier, Rutilio Grande e os outros mártires centro-americanos.

18. Em “fidelidade criativa”, a C.G.32^a. nos incentivou a unir fé e justiça em nós mesmos e em todos os nossos ministérios. A C.G.34^a. nos convida a ser servidores da missão de Cristo, em diálogo com toda cultura e religião, colaborando nela com outros agentes pastorais.

19. No meio das moções de consolação e desolação, que atravessam não só as pessoas mas também as instituições e as culturas, torna-se indispensável o discernimento inaciano (cfr C.G.34^a.,d.4,n.9). Hoje, mais que nunca, assediados como estamos pelas inúmeras possibilidades que nos oferece o contexto cultural, devemos esforçar-nos para discernir atentamente os “sinais de Deus”, para entrar no seu ritmo e acolher suas ofertas. Temos que deixar tudo aquilo que, por ser contrário ou ambíguo ou impede a nitidez do Evangelho. Somos chamados a fazer presente a generosidade radical de Jesus.

III. “Somente desejando e escolhendo o que mais conduz...”

20. Nos próximos cinco anos, quiséramos poder contemplar o início e o desenvolvimento de vários processos que nos ajudem a responder os desafios que o mundo atual e em particular a América Latina apresentam para a nossa missão:

21. 1) A emergência de um novo sujeito apostólico, formado por jesuítas, leigos/as e religiosos/as que, inspirados e animados por um mesmo espírito e sentido de missão, através de centros, redes e outras instituições, coloquem-se a serviço da Igreja e da transformação da sociedade.

Animados por uma experiência espiritual capaz de integrar toda a pessoa e de integrá-la na realidade, que leve em consideração o tipo de pessoa que somos, que recupere a ascese como disponibilidade para Deus e a mística como união com o Deus de Jesus que se arriscou na nossa história.

Desenvolvendo uma pedagogia espiritual que ajude as pessoas, segundo seu estado de vida, a avançar na radicalidade do serviço, crescendo progressivamente em liberdade e em disponibilidade para a missão.

Colaborando na missão evangelizadora da Igreja, integrados nas Igrejas locais e nos seus planos pastorais e participando ativamente nas diversas organizações eclesiais e da vida religiosa.

22. 2) Diversas formas de colaboração inter e supraprovincial na formação inicial e permanente dos jesuítas, mediante intercâmbios de professores, “mestres” e outros jesuítas em formação; programas compatíveis de estudos que permitam a presença de estudantes de outras províncias; a formação de superiores e formadores; programas de Terceira Provação melhor articulados e a criação de mais centros comuns de formação e outras formas de colaboração.

23. 3) Diversas formas de colaboração inter e supraprovincial para a formação de leigos/leigas, tanto em nível intensivo como extensivo, especialmente na experiência e manejo dos Exercícios Espirituais, favorecendo assim sua maior integração no corpo apostólico.

24. 4) Colaborar na geração de um novo pensamento social, ético e político, alternativo ao neoliberalismo, a partir de um caminho criativo e participativo, desde a experiência de nossas instituições educativas, pastorais, sociais e de outras experiências. Um pensamento que nos oriente para encontrar e pôr em prática novos modos de enfrentar o crescente empobrecimento das grandes majorias latino-americanas em seus diversos efeitos e manifestações, como os deslocamentos migratórios massivos. Esta opção e compromisso efetivo, a partir dos pobres e com os pobres, no combate contra as diferentes realidades de pobreza, será o critério de validação, no combate contra as diferentes realidades de pobreza, será o critério de validação de pessoas, comunidades e obras apostólicas.

25. 5) Contribuir para a promoção de uma nova institucionalidade, capaz de gerar e fortalecer organizações e instituições da sociedade civil, mediante a difusão de valores éticos e democráticos, contra a corrupção, a intolerância, o autoritarismo e toda a forma de violência, tanto no âmbito da sociedade como da família.

26. 6) Estaremos empenhados em acompanhar e continuar promovendo: os jovens, acolhendo seus valores e a novidade que trazem; os sem-teto e os migrantes, na defesa de seus direitos; as mulheres, na conquista de uma maior participação e reconhecimento social e eclesial; as populações indígenas e afro-americanas, em sua luta por melhores condições de vida e maior respeito a suas culturas.

27. 7) Uma maior articulação de todo o nosso esforço educativo, em seus diversos níveis, mediante a elaboração de um projeto comum. Comprometendo-nos, além disso, em participar significativamente na definição das políticas e práticas da educação pública, mobilizando para isso todas as nossas instituições: colégios, universidades, obras de educação popular e centros pedagógicos de assessoria e reflexão.

28. 8) Uma maior aproximação afetiva, reflexiva e aberta ao diálogo com a profunda religiosidade de nosso povo, tão rica em símbolos e devoções, que ajude a enfrentar a

crecente secularização e nos abra para um diálogo crítico e construtivo com outras religiões e crenças, sempre fiéis às diretrizes e orientações do magistério da Igreja universal e latino-americana.

29. 9) O envio de jesuítas latino-americanos a regiões mais necessitadas como a Amazônia e Cuba, na América Latina, e a outras partes do mundo, onde houver mais urgência, e para serviços de caráter mais universal com as devidas condições que permitam enfrentar situações difíceis. Nesse contexto, a ajuda para as obras e em nível provincial e interprovincial.

30. 10) Um maior intercâmbio de informação e de cooperação com outras Assistências da Companhia, particularmente aquelas historicamente mais próximas a nós, para mútua ajuda e o estudo e solução de problemas de interesse comum.

31. Isto será possível se:

a) Temos uma ampla política vocacional, que leve em conta a cultura e os valores da juventude e promova vocações para a Companhia, o sacerdócio, a vida religiosa e o laicato comprometido com o Reino;

b) Nossas comunidades apostólicas são abertas e de identidade bem definida, acolhedoras e transparentes, dedicadas e festivas, solidárias e simples, profundamente orantes e fraternas, convocando a muitos outros para a missão.

Aprovado pela 6a. Assembléia da CPAL
Lima, 2 de novembro de 2002.